



FRUTO NATIVO

Em entrevista exclusiva, Rodrigo Santoro, recém-nomeado embaixador da Montblanc, fala sobre trabalho, religião e seu reencontro com o Brasil POR MARILIA KODIC

Mais um dia de trabalho. O movimento imperceptível dos raios solares revela as nuances da água, que não se decide em ser verde ou azul. Imerso na natureza de um sertão que, para ele, exala poesia, Rodrigo Santoro pede a bênção e a força do Velho Chico – rio que batiza também a novela com que faz seu retorno à televisão brasileira após um hiato de 13 anos.

O exílio provou-se frutífero: nesse tempo, preencheu a janela temporal com um trajeto que o firmou permanentemente entre os nomes de destaque na televisão e no cinema mundiais. Ele é galã, sim, mas não se engane ao achar que é essa a grande qualidade que o leva às manchetes e cada vez mais telas.

Astro de superproduções como os filmes *300* e *Che* e a série *Lost*, além de embaixador da marca de luxo Montblanc, seu sucesso pode ser interpretado como uma mistura de beleza, inteligência, simpatia e sábias escolhas de papéis – além, é claro, do dom inato para atuar.

Velho Chico marca sua volta às telenovelas brasileiras, que são uma idiosincrasia nacional única e fenômeno de extremo sucesso. Como diferencia esse formato do cinema e das séries televisivas? Claro que são formatos diferentes, com rotinas e ritmos de gravação distintos, até porque se destinam a meios e públicos igualmente diferentes. Mas a novela foi onde eu comecei. Fiz *Hoje é dia de Maria*, com o Luiz Fernando Carvalho, e foi uma experiência incrível. Quando o Luiz Fernando me convidou para fazer *Velho Chico*, com texto de Benedito Ruy Barbosa, a quem sempre admirei, pensei: “Este é um encontro feliz”. Já fazia tempo que queria voltar a trabalhar na televisão e me reaproximar do grande público.

Acredita que há um estigma em relação a produções feitas para as massas (como as novelas), no sentido de terem limitações justamente para atingir um público maior? Acho que o que difere é o formato de um folhetim (novela) para

formatos mais enxutos como uma série ou um filme. Em uma novela, uma obra aberta, a história é contada em 200 capítulos. Uma mesma história contada em uma série terá 10. E essa mesma história pode ser contada no cinema em 2 horas. Cada veículo tem sua abordagem, sua linguagem e ritmo particular.

Muitos atores brasileiros sonham com carreiras internacionais. Como é o caminho inverso, de reaproximação com a terra natal? Foi incrível voltar ao meu país para fazer um produto de excelência! Sem dúvida, estou muito feliz em me reencontrar com as minhas raízes, a minha língua, falar português e me reencontrar com o grande público. Confesso que estava sentindo falta disso.

Como foi o contato com o sertão, como o povo ribeirinho, durante as gravações de Velho Chico no Nordeste? A novela é um reencontro com as nossas raízes brasileiras, e posso dizer que foi um reencontro para mim também. Eu mergulhei no sertão nordestino, literalmente. Comecei com um mergulho nas águas do rio São Francisco. Fiquei meia hora boiando, pedindo a bênção e a força daquelas águas. Tive a oportunidade de conhecer o coração do Nordeste. Apreendi muito. Tive encontros emocionantes e vi lugares incríveis que eu não conhecia. O sertão exala poesia.

O que as diferenças e contrastes do Nordeste o fazem pensar sobre a situação política do país? Tive uma oportunidade muito especial de conhecer as entrelinhas do sertão. Estávamos ali interagindo com o que é real, o que é vivo. As pessoas que encontrei me tocaram demais. Estivemos em uma locação em que não tinha água na região. No fim do dia, cansado, tomei um banho no caminhão-pipa com as crianças. Nunca vou esquecer daquele momento. Uma imagem linda e, ao mesmo tempo, dolorosa. A alegria delas ao verem a água!

Quando chegamos, a segurança tomou conta por causa do assédio. Mas eles não estavam nem aí para a gente. A grande estrela era o caminhão-pipa



Epudae sita voluptat voloratur, occum sae elitata turion nonectamus eatempos qui odis eaquae vero blabo. Ita ent latur? Rum consequ iatiunt

“FOI INCRÍVEL VOLTAR AO MEU PAÍS!
ESTOU MUITO FELIZ EM ME
REENCONTRAR COM AS MINHAS RAÍZES”

e a água naquela abundância. Isso faz pensar nas profundas diferenças que existem no nosso país. Nos contrastes sociais e econômicos, que se perpetuam desde o descobrimento. É muito triste ver um país como o nosso, com um potencial absolutamente extraordinário em todos os sentidos, não conseguir realizar a sua potência.

Há quem diga que o Brasil vive uma fase próspera na produção cinematográfica, sobretudo após o sucesso de filmes como O Som ao Redor e Que horas ela volta? Como avalia essa cena atual? O cinema brasileiro vive um momento de evolução e conquista de reconhecimento internacio-

nal. Há uma safra de bons diretores e roteiristas produzindo boas histórias, que são interpretadas por atores e atrizes da maior qualidade. São histórias universais, por mais que pareçam regionais. Merecem todo sucesso.

Você interpretou Raúl Castro no filme Che (2008). Na época, se envolveu com a história do país? O que acha do iminente fim do bloqueio? Passei dois meses em Cuba, pesquisando a vida e a história de Raúl Castro. Conheci Cuba de um jeito especial. Fiquei na montanha de onde Fidel comandou a revolução e visitei a casa onde os irmãos Castro nasceram. Cuba é um país incrível. Com contrastes muito fortes. Você

sente a história pulsando lá. Acho que o fim do bloqueio deve ser conduzido de modo muito cuidadoso, pelos dois lados envolvidos.

Em *Ben-Hur*, que será lançado neste ano, você faz o papel de Jesus Cristo. Que papel tem a religião em sua vida?

O filme é a história de dois grandes amigos que acabam virando arqui-inimigos. É contada de uma forma nova, com uma visão completamente diferente e uma linguagem muito interessante. Passei um mês filmando na Itália e tive oportunidade de conhecer o Papa Francisco. Foi um momento único e inesquecível. O que posso dizer é que acho muito importante trabalhar diariamente a minha espiritualidade. Além da crença, é preciso praticar.

Você é praticante de ioga, em que um dos ensinamentos é o afastamento do ego. Como atingir isso sendo um ator de fama internacional? Olha, ioga é um santo remédio. Te ensina a buscar

“É MUITO TRISTE VER UM PAIS COMO O NOSSO NÃO CONSEGUIR REALIZAR A SUA POTÊNCIA.”

sempre o equilíbrio interior, com profunda consciência corporal. Isso, inevitavelmente, te traz para o centro, para a consciência de quem você é. E essa consciência te ajuda a lembrar que voce é apenas mais uma formiguinha neste mundão de Deus.

Como foi o convite para fazer parte da família Montblanc? Fiquei muito feliz quando a Montblanc me perguntou se eu gostaria de fazer parte da sua família. Sempre admirei o que a marca representa e a qualidade e exclusividade dos produtos que cria. Foi um convite muito natural. Estou muito contente

com a parceria.

Qual a sua relação com relógios? Sempre gostou de usá-los? O relógio é a joia masculina por excelência. Você pode combinar com a roupa do momento, realçando o estilo casual, esportivo, clássico, sofisticado ou chique. Sempre gostei de usá-los.

Em 2005, você estrelou, ao lado de Nicole Kidman, um comercial do perfume Chanel No. 5 que, à época, foi um dos mais caros do mundo. Como foi a experiência? O comercial tem linguagem de cinema, é quase um minifilme, com 4 minutos. Foi dirigido pelo australiano Baz Lurhman, o mesmo que fez *Australia*, e tem a trilha de “Clair de Lune”. É muito poético e delicado. Foi um trabalho lindo. Tenho muito orgulho de ter feito. Esse filme até hoje é citado no mundo da publicidade como uma grande referencia.

Você está confirmado para a série *Westworld*, da HBO, que tem produção de J. J. Adams (*Lost* e *Star Wars: O Despertar da Força*) e Anthony Hopkins como protagonista. Ainda sente algum deslumbramento ao trabalhar com figuras de renome? Já fui presenteado com oportunidades que nunca imaginei ter. Trabalhei com atores que cresci vendo e eram referência para mim. Por exemplo: Paulo Autran, Fernanda Montenegro, Irene Ravache... sempre fui muito bem recebido. Quanto a *Westworld*, gosto muito da minha personagem e de todo o conceito da série. Além disso, tenho tido a oportunidade de trabalhar com grandes atores, o que sempre é uma experiência incrível. Essa é uma vantagem do trabalho de ator: te permite um aprendizado constante.

Quais são seus próximos projetos profissionais? Além de *Ben Hur*, tem o filme *Dominion*, uma biografia do poeta Dylan Thomas. E, terminando a série, vou tirar umas férias!